

## **A PANDEMIA DE COVID-19 (SARS-CoV-2) E AS CONTRADIÇÕES DO MUNDO DO TRABALHO**

### **THE COVID-19 PANDEMIC (SARS-COV-2) AND THE WORLD OF WORK CONTRADICTIONS**

Matheus Viana Braz<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Professor de Psicologia do Trabalho e das Organizações na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), campus de Divinópolis – MG. Doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual Paulista (UNESP/FCLA). Correspondente no Brasil do *Réseau International de Sociologie Clinique* (RISC).

**Resumo:** Pretende-se analisar de que maneira a pandemia de COVID-19 se imbrica a contradições existentes no mundo do trabalho contemporâneo, trazendo-as à tona em um momento de vulnerabilidade coletiva, desencadeada por fraturas sociais e econômicas. Argumenta-se que a compreensão dessas relações traz contribuições à investigação dos impactos psicossociais do COVID-19 em nossa sociedade, bem como pode elucidar caminhos profícuos ao entendimento da dinâmica de sofrimento psíquico relacionado a categorias profissionais que assumem protagonismo no combate à pandemia.

**Palavras-chave:** COVID-19, SARS-CoV-2; Impactos Psicossociais no Trabalho; Saúde do Trabalhador; Pandemia.

**Abstract:** The goal of this study was to analyze how the COVID-19 pandemic is related with existing contradictions in the world of contemporary work,

bringing them to light in a moment of collective vulnerability, triggered by social and economic fractures. The understanding of these relationships can contribute to the COVID-19 psychosocial impact investigation in our society. Also, it can elucidate fruitful paths to understand the dynamics of psychological suffering related to professional categories that evidence a leading role in combating the pandemic.

**Keywords:** COVID-19, SARS-CoV-2; Psychosocial Impacts at Work; Worker's Health; Pandemic.

**Resumen:** Se pretende analizar cómo la pandemia de COVID-19 está relacionada con las contradicciones existentes en el mundo del trabajo contemporáneo, las trayendo a la luz en un momento de vulnerabilidad colectiva, desencadenada por fracturas sociales y económicas. Se argumenta que la comprensión de estas relaciones aporta contribuciones a la investigación de los impactos psicosociales de COVID-19 en nuestra sociedad, así como también puede aclarar caminos fructíferos para la comprensión de la dinámica del sufrimiento psicológico relacionado con las categorías profesionales que juegan un papel principal en la lucha contra la pandemia.

**Palabras clave:** COVID-19, SARS-CoV-2; Impactos psicosociales en el Trabajo; Salud Ocupacional; Pandemia.

## 1 Considerações iniciais

Em dezembro de 2019, uma onda de doenças respiratórias acometeu trabalhadores de um mercado de alimentos na cidade de Wuhan, localizada na província de Hubei, na China. No mês seguinte, o Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) do país identificou comonexo causal deste surto um novo vírus, pertencente à família *Coronaviridae* e denominado SARS-CoV-2 (2019-nCoV). Em função de seu alto potencial de transmissão e contágio por vias respiratórias, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou pandemia de COVID-19 (terminologia adotada pela OMS desde fevereiro de 2020) no dia 11 de março de 2020. Até a data de finalização deste manuscrito, no dia 07 de BRAZ, M.V. *A pandemia de covid-19 (sars-cov-2) e as contradições do mundo do trabalho*. R. Laborativa, v. 9, n. 1, p. 116-130, abr./2020

abril de 2020, a doença havia se disseminado para mais de 180 países, contabilizando um total de 1.282.931 casos confirmados e 72.774 mortes (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020a).

O início do contágio da doença no Brasil foi oficialmente declarado no dia 26 de fevereiro de 2020, ocasião em que um indivíduo residente da cidade de São Paulo que havia retornado da Itália testou positivo para COVID-19. No dia 22 de março, o governo do estado de São Paulo, epicentro da pandemia no país, promulgou o decreto 64.881 (DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, 2020), no qual se definiram medidas de isolamento social e quarentena estadual. Paulatinamente, no Rio de Janeiro, Distrito Federal e Minas Gerais também foram decretadas ações de isolamento ou distanciamento social, de forma a conter a curva de transmissão do COVID-19. No dia 07 de abril, haviam sido contabilizados 13.717 casos confirmados e 667 óbitos, com letalidade de 4,9% (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020) no país.

Em oposição às manifestações públicas do presidente Jair Bolsonaro (BETIM, 2020; SCHUCH, 2020), contrário às medidas de isolamento horizontal da população, e em consonância com as recomendações da OMS [1] e de entidades técnicas internacionais (WALKER et al., 2020), os governadores de todos os Estados do Brasil, junto ao Ministério da Saúde, se mobilizaram para diminuir o trânsito de pessoas, proteger os grupos de risco e conter a curva de contágio do COVID-19, ao mesmo tempo em que buscam ampliação de recursos e infraestrutura para a recepção dos pacientes hospitalizados, de modo a obter melhores condições assistenciais quando o país atingir o pico de infecção e contágio. Com efeito, em menos de um mês, *nolens volens* a vida dos cidadãos que residem no Brasil sofreu uma mudança radical. O fechamento do comércio e de instituições de ensino (na rede pública como na privada), atrelado ao bombardeamento de informações sobre o COVID-19 na mídia eletrônica e nas redes sociais, tendem a produzir um ambiente de tensão e insegurança generalizada em território nacional (BARROS-DELBEN et al., 2020).

No bojo das fraturas sociais e econômicas produzidas por essa pandemia, pretende-se analisar de que maneira o COVID-19 se imbrica a contradições existentes no mundo do trabalho contemporâneo, trazendo-as à tona em um momento de vulnerabilidade coletiva. Neste texto, defende-se o pressuposto que a compreensão dessas relações traz contribuições à investigação dos impactos psicossociais do COVID-19 em nossa sociedade, bem como pode elucidar caminhos profícuos ao entendimento da dinâmica de sofrimento psíquico relacionado a algumas categorias profissionais que assumem protagonismo no combate ao COVID-19.

BRAZ, M.V. *A pandemia de covid-19 (sars-cov-2) e as contradições do mundo do trabalho*. R. Laborativa, v. 9, n. 1, p. 116-130, abr./2020

## **2 Divisão social do trabalho e a informalidade em meio à pandemia de COVID-19**

Quando são analisadas as metamorfoses do mundo do trabalho nas últimas quatro décadas, constata-se que o esgotamento do padrão de acumulação taylorista e fordista foi impulsionado pelo redesenho da divisão internacional do trabalho e dos padrões de competição globais. A globalização financeira (consolidada por intermédio da universalização das redes eletrônicas e de informação) e a automatização dos processos produtivos elevaram a flexibilização ao estatuto de síntese ordenadora dos modos de sociabilidade no trabalho contemporâneo (ANTUNES, 2018). A sociedade salarial entrou em declínio, as fronteiras entre atividade laboral e vida privada se pulverizaram, a urgência do tempo e a densificação das jornadas de trabalho impuseram-se como imperativas. Em um cenário de competição generalizada e preocupação com empregabilidade, também os laços de solidariedade, estima e cooperação se afrouxaram entre os trabalhadores (GAULEJAC, 2007, VIANA BRAZ, 2019).

As dinâmicas de sofrimento, contudo, não são semelhantes para todos os trabalhadores. A morfologia do trabalho hodierna é tributária de um conjunto de assimetrias de gênero, raça, classe social e qualificação profissional (ANTUNES, 2018). Embora não seja determinante, a posição ocupada por um indivíduo na esfera do trabalho e emprego é significativamente condicionada por seus capitais simbólicos, culturais, econômicos e políticos - no sentido adotado por Bourdieu (1974/2015). Ora, se as mazelas produzidas pela exacerbação dessa estratificação não faz parte da agenda política, o COVID-19 a colocou forçosamente em debate.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), havia em 2019 no Brasil 38,8 milhões de pessoas atuando na informalidade, o que representa 41,1% da população ocupada (a mais alta taxa já vista na história do país). Quase 3,5 milhões de brasileiros trabalhavam em mais de uma atividade para lograr seus sustentos e 3,8 milhões de pessoas tinham como principal fonte de renda o trabalho mediante aplicativos de mobilidade (IBGE, 2019). Mais ainda, no segundo trimestre de 2019 o Brasil atingiu a marca de 12,8 milhões de pessoas desempregadas. Se a esse número fosse somado o contingente da população subutilizada (incluindo pessoas subocupadas ou em situação de desalento), a escassez de trabalho atingia um montante de 28,4 milhões de habitantes. Nessa mesma época, constatou-se que cerca de 104 milhões de brasileiros sobreviviam com até R\$413,00 por mês (IBGE, 2019).

Os efeitos econômicos e sociais da pandemia de COVID-19 trouxe a tona não somente a fragilidade dos vínculos de trabalho daquelas pessoas BRAZ, M.V. *A pandemia de covid-19 (sars-cov-2) e as contradições do mundo do trabalho*. R. Laborativa, v. 9, n. 1, p. 116-130, abr./2020

que vivem nas franjas da informalidade, mas também revelou o quanto essa precarização está longe de ser objeto das pautas políticas. Tão distante estão dos agentes do legislativo e do executivo que, no momento em que se busca a promulgação de uma renda básica emergencial, um grande desafio consiste em identificar quem são esses trabalhadores, quais seus CPFs (Cadastro de Pessoa Física), onde estão e em que condições vivem (PAIVA et al., 2020).

Eis, portanto, uma contradição central do sistema de proteção social trabalhista brasileiro. A legislação vigente somente contempla o trabalhador (no caso de auxílio-desemprego, por exemplo) que possui vínculo formalizado. Em contraposição, a flexibilização do trabalho tem relação direta com o aumento da informalidade, o que corresponde a 41,1% da população ocupada. Sindicatos, assim como os poderes legislativos e executivos, tratam esse montante de trabalhadores como uma massa invisível, um problema social que pode ser postergado, pois para encará-lo é preciso confrontar forças econômicas instituintes e mobilizar a política em busca de outra institucionalidade jurídica e trabalhista que contemple as assimetrias da nova morfologia do trabalho em nossa sociedade. O COVID-19, portanto, parece ter reaberto esse debate, resta saber se o poder público irá desfrutar desse momento para enxergar esses trabalhadores como cidadãos ou se continuará os tratando como desfilados (segundo aceção postulada por Robert Castel).

### **3 A crise das dinâmicas de reconhecimento no trabalho**

Com base na Psicossociologia e na Sociologia Clínica, concebe-se que o trabalho remete a uma categoria sócio-histórica, que envolve uma tripla dimensão: material, social e existencial. O ser humano trabalha para suprir necessidades materiais, concretas, o que remete a natureza econômica de seu labor, mas no registro social esse trabalho lhe confere uma posição, um *status* e reconhecimento social específico. É por meio da articulação entre o Ter e o Fazer que o indivíduo atribui sentido às suas atividades e relações sociais no trabalho. Esse processo é garantidor de gratificações tanto provenientes do reconhecimento de seu desejo quanto de seu desejo de reconhecimento (GAULEJAC, 2009).

No universo do trabalho e do emprego contemporâneo, predomina a cultura do alto desempenho, atrelada a imperativos de mensuração das atividades humanas, de forma a transformá-las em indicadores de performance (GAULEJAC, 2011). Nas organizações, é comum que sejam sobrevalorizados o resultado, em detrimento dos processos, isto é, os fins são supervalorizados em substituição aos meios (GAULEJAC, 2007). Afinal, como dizem os ditados, “tempo é dinheiro” e “o que conta é o que se conta”. Todo esse paradigma incide sobre a gramática do reconhecimento do trabalho humano, de modo que para além do realismo BRAZ, M.V.A *pandemia de covid-19 (sars-cov-2) e as contradições do mundo do trabalho*. R. Laborativa, v. 9, n. 1, p. 116-130, abr./2020

econômico, na dimensão social do trabalho se naturalizou uma hierarquização das profissões determinada em razão do valor financeiro atrelado a cada atividade. Ocorre, contudo, que a pandemia do COVID-19 trouxe também à tona a fragilidade dessa lógica.

Em poucos dias de relativo isolamento social, parte significativa de brasileiros se viu impelida a reconhecer a centralidade de atividades elementares à sustentação do laço social. Aqueles que estão com seus filhos em casa integralmente parecem rogar pelo retorno das aulas e refletem sobre a importância e dificuldades do ofício de professor. Igualmente, castas sociais mais distantes do cotidiano do Sistema Único de Saúde (SUS) se deparam com o impacto social que a universalização da saúde tem em território nacional. Do dia para a noite, leva-se a crer que a sociedade passou a mirar com outros olhos o trabalho dos infectologistas e demais médicos, bem como enfermeiros, técnicos de enfermagem e outras profissões ligadas ao cuidado.

A lei da oferta e da demanda e o capital financeiro, regentes soberanos das relações de trabalho, revelaram suas fragilidades na manutenção do laço social. Profissionais de exímio prestígio se perceberam impotentes diante da complexidade imposta pelo COVID-19. Perderam o protagonismo que costumam ter em seus cotidianos e passaram a fazer homenagens aos profissionais de saúde e assistência, aplaudindo-os em suas varandas. Repentinamente, aquele técnico de enfermagem (exemplo hipotético) que acumula dois vínculos empregatícios, encarando plantões de 12 horas e que ganha não mais que três salários mínimos, tornou-se objeto de admiração da nação brasileira. O problema é que agora esse trabalhador também sofre com a crise de abastecimento de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), com o iminente risco de contrair COVID-19 e com pressões físicas e psicológicas inerentes a situações pandêmicas (KANG, et al., 2020). De acordo com a Associação Médica Brasileira (AMB), até o fim de março de 2020 foram registradas 2.751 denúncias anônimas de falta de EPIs em todo o país, como luvas, gorros, máscaras, aventais, óculos de proteção e inclusive álcool gel (AMB, 2020).

Outro fenômeno parece também ilustrativo da crise das dinâmicas de reconhecimento no universo do trabalho, evidenciada pelo COVID-19. Sob a égide da derrocada das identificações partidárias na América Latina (LUPU, 2014), incluindo o Brasil (SAMUELS; ZUCCO, 2018), e na esteira da intensificação da polarização política de massas da população brasileira, as universidades públicas se tornaram objetos de ataques das narrativas instituintes. Para além do recrudescimento de investimentos nas universidades (iniciado em 2013), o ofício de professor, já há anos desprestigiado no debate público nacional, foi ainda mais desprezado. Mesmo sendo responsáveis por 95% da produção científica brasileira, os BRAZ, M.V.A *pandemia de covid-19 (sars-cov-2) e as contradições do mundo do trabalho*. R. Laborativa, v. 9, n. 1, p. 116-130, abr./2020

pesquisadores dos institutos públicos de educação superior foram subjulgados e tiveram o impacto de seus trabalhos banalizados no imaginário social (CROSS; THOMSON; SINCALIR, 2017; SAYURI, 2019).

O fortalecimento do imaginário da universidade pública como reduto de balbúrdia parece ter endossado a crise de reconhecimento vivenciada pelos profissionais que atuam nesses espaços. Discursos mais matizados, sobre a realidade dos investimentos públicos na ciência brasileira, revelavam-se inoperantes e ineficazes em meio ao embate nacional de narrativas políticas. Desde o início de março de 2020, no entanto, a pandemia de COVID-19 trouxe à tona os efeitos colaterais do desinvestimento em ciência, tecnologia e do desmantelamento do complexo industrial da saúde brasileiro.

Os países que atravessam a pandemia de COVID-19 com maior eficácia e controle de impactos econômicos e sociais são aqueles que investiram em planejamentos prévios de intervenções nessas situações. É o caso, por exemplo, da Coreia do Sul, que não precisou adotar medidas restritivas de isolamento social generalizado, pois se instrumentalizou nas últimas décadas mediante investimentos públicos em pesquisa básica, aplicada e apostou no fortalecimento de seu sistema único de saúde. O plano de contingência adotado, que carrega seu bojo o mantra “rastrear, testar e tratar”, se distingue de outros países por seu êxito no processo de testagem massiva da população (ALESSI, 2020; ROCHA, 2020). E o que faz com que essa estratégia seja possível é o fato que os órgãos públicos do país produzem internamente uma média de 100 mil kits de testes a cada dia, colocando a Coreia do Sul ao lado da China como as únicas nações que produzem excedente de kits e reagentes para testagem de COVID-19 (ALESSI, 2020). Para efeitos de comparação, embora o Ministério da Saúde não divulgue a quantidade exata de testes que é produzida por dia no Brasil, sabe-se que a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) tem cumprido papel central nesse processo. No mês de março, a referida instituição havia entregado 35,5 mil testes e prometeu a produção de mais 40 mil unidades no mês de abril, o que revela um hiato substantivo em relação ao volume de produção da Coreia do Sul (DANTAS, 2020).

Mesmo nesse cenário de precarização de seus trabalhos e sem condições efetivas para produção de reagentes internos, pesquisadores de institutos e universidades públicas brasileiras assumiram função central no apoio aos governos federal e estaduais, mediante a produção de insumos e kits para testagem, como no caso da FIOCRUZ, assim como na prestação de atendimento e cuidado de pacientes infectados (nos hospitais universitários) ou mesmo no processo de apoio tecnológico aos Laboratórios Centrais de Saúde Pública (LACEN) regionais, por meio do empréstimo de termocicladores (PCR) para realização de testes

BRAZ, M.V. *A pandemia de covid-19 (sars-cov-2) e as contradições do mundo do trabalho*. R. Laborativa, v. 9, n. 1, p. 116-130, abr./2020

(ALESSI, 2020; FELLET, 2020). Igualmente, cientistas brasileiros atuam junto à comunidade internacional no sequenciamento do genoma do vírus (TOLEDO, 2020), no desenvolvimento de respiradores e ventiladores mais eficazes (ALBUQUERQUE; ALVES, 2020) e no delineamento de estratégias comportamentais que auxiliem na promoção de Saúde Mental à resposta ao COVID-19 (VAN BAVEL et al., 2020).

Diante da dificuldade enfrentada pelo governo federal à importação de reagentes e kits de testes, decorrente da saturação da oferta no mercado internacional, são os professores, técnicos de laboratórios e pesquisadores (muitos deles bolsistas de pós-graduação) que tornaram possível as ações de testagem realizadas em território nacional. O COVID-19, portanto, paradoxalmente produziu uma dupla fratura no tecido social brasileiro. Primeiro, a pandemia deu evidência ao impacto indelével da produção científica e tecnológica na garantia da soberania nacional de cada país. Em momentos de crise, quando faltam insumos básicos para se produzir um teste ou mesmo máscaras e outros EPIs, quem paga o preço pela falta de investimentos é a sociedade em geral. Segundo, a acelerada expansão do COVID-19 e a consequente resposta de uma parcela efetiva de trabalhadores precarizados trouxe à tona a distância entre o imaginário social hegemônico que se tem da educação superior pública brasileira e a realidade vivenciada pelos docentes e pesquisadores. Espera-se que este fenômeno sirva para tensionar eventuais narrativas dissimuladas, responsáveis por solapar movimentos de organização coletiva da sociedade civil, os quais buscam melhorias de condições concretas de trabalho, como lutam pela ressignificação dos elementos simbólicos engendrados na forma como a população geral reconhece seus ofícios. Igualmente, cabem aos trabalhadores das universidades repensarem seus esforços e a efetividade de ações à divulgação de suas produções acadêmicas.

#### **4 COVID-19 e a irredutibilidade do indivíduo e do social**

Há décadas pesquisadores têm discutido as relações da intensificação da competição, da corrida ao mérito e da *luta pelos lugares* (GAULEJAC; TABOADA-LEONETTI, 1994) com a naturalização do estresse, da rivalidade e da agressividade no universo corporativo (AUBERT; GAULEJAC, 1991/2007; EHRENBURG, 1991; GAULEJAC, 2007; ANTUNES, 2018). Uma vez que os trabalhadores são categoricamente impelidos a buscarem a excelência e ultrapassarem a si mesmos, exacerba-se um processo de individualização dos percursos, sustentado por uma busca ilusória de autorreferenciação (EHRENBURG, 1991). O público e o bem comum perdem espaço para a sacralização do privado e dos desejos individuais. A descrença nas coletividades e instituições sociais, quando atrelada ao aumento da descartabilidade, funciona como mote propulsor para a adesão a narrativas que enaltecem as individualidades e atribuem BRAZ, M.V. *A pandemia de covid-19 (sars-cov-2) e as contradições do mundo do trabalho*. R. Laborativa, v. 9, n. 1, p. 116-130, abr./2020



tão somente ao indivíduo a responsabilidade pela obtenção de melhores condições à sua vida. Com efeito, individualizam-se o sofrimento e se psicologizam as contradições sociais, de sorte que erros, tropeços e retrocessos no trabalho (inclusive o desemprego) tendem a ser vividos como frutos de um estrito fracasso pessoal, pela via da culpabilização de si ou da vergonha (VIANA BRAZ, 2019).

Artificialmente, portanto, naturalizou-se no mundo do trabalho uma clivagem entre *indivíduo* e *social*, a qual trata o trabalhador como um ser a-histórico e autossuficiente. Imbricado nesse mesmo fenômeno, erige-se outra oposição, também inumana, entre *razão* e *emoção* (GAULEJAC, 2011). Em ambientes corporativos, proliferam-se *gurus* e *experts* de toda sorte, cujas promessas se baseiam, de um lado, na possibilidade de suprimir, ocultar ou dominar a qualquer preço as emoções humanas e, de outro, de maximizar a racionalidade em favor da ampliação da produtividade e eficácia. Essa segunda clivagem, então, se assenta na perspectiva sobre a qual as emoções são concebidas a partir de um viés funcionalista, utilitário e pragmático.

O COVID-19 desferiu um golpe na megalomania e no narcisismo imperante nos discursos do universo corporativo e se apresentou como um convite à razão dialética. O ser humano é o produto e o produtor da sociedade que o produziu. Não há construção de percurso profissional, de autonomia e narrativa própria, que não se remeta a uma história social e coletiva. Indivíduo e social são irreduzíveis e interdependentes (GAULEJAC, 2009). Em tempos de pandemia, o achatamento da curva de contágio só pode ser alcançado pela realização de um pacto social coletivo, em que cada indivíduo se responsabiliza e se preocupa com seus semelhantes.

Este ponto é importante, pois a elaboração do sofrimento relacionado ao trabalho, nesse momento se opera pela via da historicização das relações de trabalho, bem como pela rejeição da fetichização da excelência e de narrativas exclusivistas. Para além da precariedade material e concreta produzida pela pandemia, os ciclos de ansiedades e angústias provenientes do COVID-19 podem ser mitigados pela recusa da transposição da ideologia das organizações de trabalho para o espaço doméstico. A sociedade atravessa uma crise, razão e emoção não se dissociam na dinâmica afetiva humana. A cobrança para manter-se igualmente produtivo, excelente, como se nada estivesse acontecendo, torna-se um ideal forçosamente inalcançável e, portanto, gerador de frustração.

À medida que o laço social se fragiliza, produz-se o sentimento de vazio, saturação, ansiedade ou mesmo o medo concreto do contágio e da escassez material/econômica (BARROS-DELBEN, et al., 2020). Sobretudo BRAZ, M.V. *A pandemia de covid-19 (sars-cov-2) e as contradições do mundo do trabalho*. R. Laborativa, v. 9, n. 1, p. 116-130, abr./2020

em tempos de confinamento, a individualização do sofrimento parece intensificar ainda mais a angústia existencial do sujeito e produz o fechamento em si mesmo. Sinaliza-se, aqui, uma pista, a qual indica que o caminho mais profícuo e menos danoso ao atravessamento dessa pandemia passa pela abertura à alteridade, à vivência emocional e afetiva fruto das relações sociais, mas também pela recusa do preceito de que para se sentir útil é preciso ser produtivo e excepcional a todo tempo no trabalho.

## **5 Considerações finais**

Desde a intensificação das medidas de confinamento social adotadas no Brasil, nas redes sociais, como nas mídias impressas e eletrônicas, praticamente só se fala de COVID-19. A cada hora proliferam-se notícias sobre novas descobertas, especulações e embates envolvidos com a epidemia. Em tempo real, é possível acompanhar o número de infectados e de mortes em cada cidade, Estado e no país todo. Infectologistas, biólogos e demais especialistas em virologia são doravante convocados para falar sobre as formas de conter a pandemia, enquanto economistas e técnicos do mercado são incumbidos de propor alternativas para a mitigação dos efeitos econômicos e sociais oriundos do confinamento da população e da deflagração de uma recessão econômica global. Resguardadas as divergências entre as proposições de cada um desses grupos, ambos compartilham o desejo e esperança para que medicamentos sejam encontrados e para que os cientistas do mundo avancem na produção de uma vacina para o COVID-19.

A pandemia revelou a dependência da indústria mundial para com a economia Chinesa (epicentro do capitalismo globalizado), mas também trouxe à tona contradições estruturais que funcionam como reguladores das relações de trabalho na sociedade atual. Neste breve artigo foram explorados *três fenômenos* desencadeados pelo COVID-19: 1) se a informalidade é crescente em âmbito nacional, escancarou-se que essa massa de trabalhadores invisibilizados está longe de ser objeto da agenda política e do debate público nacional; 2) a pandemia colocou em xeque a crise das dinâmicas de reconhecimento social hegemônicas na sociedade. Em momentos de vulnerabilidade coletiva, os trabalhadores que assumem protagonismo na manutenção do laço social são justamente os profissionais precarizados, sem prestígio social e que não têm apoio de parte significativa da sociedade civil quando buscam a reivindicação por melhores condições de trabalho; 3) a pandemia tensionou as narrativas hegemônicas de individualização dos percursos e desvelou a relação dialética e irreduzível entre indivíduo e social, razão e emoção, história coletiva e historicidade.

Indica-se que a produção de Saúde Mental passa pelo reconhecimento dos limites e condições concretas de cada indivíduo, mas também pela reflexão sobre as contradições sociais e históricas engendradas em suas angústias existenciais. A exploração dos impactos psicossociais do COVID-19 e da historicização das relações de trabalho no cenário brasileiro atual, torna-se elementar à compreensão das dinâmicas de sofrimento dos trabalhadores. Enfim, a pandemia reabriu debates ocultados e desprezados na esfera pública. Cabe à sociedade definir coletivamente quais ações serão tomadas após o fim dessa crise e qual história se contará sobre ela.

### **Nota**

1. Segundo a OMS (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020b), como não há cura nem vacina para o COVID-19, em países que estão na fase de transmissão comunitária da doença e que não têm condições de testar massivamente sua população, o isolamento horizontal constitui a estratégia mais eficaz para redução do contato físico e achatamento da curva de contágio e infecção.

### **Referências**

ALBUQUERQUE, A. N.; ALVES, G. Universidades desenvolvem respiradores para pacientes com Covid-19 em estado grave. **Folha de São Paulo**. Editorial Coronavírus Online. Publicado em 29 de março de 2020. Acesso em 06 de abril de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/03/universidades-desenvolvem-respiradores-para-pacientes-com-covid-19-em-estado-grave.shtml>

ALESSI, G. As lições contra o coronavírus que Coreia do Sul e China podem dar ao mundo, incluindo o Brasil. **El país internacional**. Publicado em 30 de março de 2020. Acesso em 06 de abril de 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-03-30/as-licoes-contra-o-coronavirus-que-coreia-do-sul-e-china-podem-dar-ao-mundo-incluindo-o-brasil.html>

ANTUNES, A. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

ASSOCIAÇÃO MÉDICA BRASILEIRA. Faltam EPIs em todo o país: quantidade de denúncias por estado. **Website Oficial da AMB**. 2020. Acesso em 05 de abril de 2020. Disponível em: <https://amb.org.br/epi/>  
BRAZ, M.V. *A pandemia de covid-19 (sars-cov-2) e as contradições do mundo do trabalho*. R. Laborativa, v. 9, n. 1, p. 116-130, abr./2020

AUBERT, N.; GAULEJAC, V. **Le coût de l'excellence**. Nouvelle Édition. Paris: Éditions du Seuil, 2007.

BARROS-DELBEN, P.; CRUSZ, R. M.; TREVISAN, K. R. R.; GAI, M. J. P.; CARVALHO, R. V. C. et al. Saúde mental em situação de emergência: COVID-19. **Revista Debates em Psiquiatria**. v. 1, n. 10, p. 2-12, 2020.

BETIM, F. Em cadeia de TV, Bolsonaro minimiza coronavírus para insuflar base radical. **El País**. Brasil. Editorial Pandemia de Coronavírus. Publicado em de março de 2020. Acesso em 05 de abril de 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-03-25/em-cadeia-de-tv-bolsonaro-minimiza-coronavirus-para-insuflar-base-radical.html>

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. Organização e seleção de Sérgio Micelli. Coleção Estudos. ed. 8, São Paulo: Perspectiva, 2015.

CROSS, D.; THOMSON, S.; SINCALIR, A. **Research in Brazil**. London: Clarivate Analytics, 2017.

DANTAS, C. Ministério da Saúde admite falta de testes no Brasil e prevê aumento da produção da Fiocruz. **Jornal Globo**. Coluna Coronavírus. Publicado em 17 de março de 2020. Acesso em 06 de abril de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/17/ministerio-da-saude-admite-falta-de-testes-no-brasil-e-preve-aumento-da-producao-da-fiocruz.ghtml>

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. Portaria Nº 356, de 11 de março de 2020. **Ministério da Saúde**. Gabinete do Ministro. Publicação em 12/03/2020, ed. 49, seção 1, p. 185, 2020. Acesso em 05 de abril de 2020. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-356-de-11-de-marco-de-2020-247538346>

EHRENBERG, A. **Lu culte de la performance**. Paris : Calmann-Lévy, 1991.

FELLET, J. De engenheiros a estatísticos, Unicamp mobiliza batalhão de cientistas contra o coronavírus. **BBC News Brasil**. Publicado em 03 de abril de 2020. Acesso em 05 de abril de 2020. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52146248?SThisFB&fbclid=IwAR1HGkcljkoAivFO87VJ4sVlqH-Fh4p8tVaMPWF\\_JuSe-kmZF5vHX5N-PZM](https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52146248?SThisFB&fbclid=IwAR1HGkcljkoAivFO87VJ4sVlqH-Fh4p8tVaMPWF_JuSe-kmZF5vHX5N-PZM)

BRAZ, M.V. *A pandemia de covid-19 (sars-cov-2) e as contradições do mundo do trabalho*. R. Laborativa, v. 9, n. 1, p. 116-130, abr./2020

GAULEJAC, V.; TABOADA-LEONETTI, I. **La lutte des places**. Paris: Hommes et Perspectives, 1994.

GAULEJAC, V. **Gestão como doença social**: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social. Tradução de Ivo Storniolo. Aparecida: Ideias & Letras, 2007.

GAULEJAC, V. **Qui est « je » ?** Sociologie Clinique du sujet. Paris: Éditions du Seuil, 2009.

GAULEJAC, V. **Travail, les raisons de la colère**. Paris: Éditions du Seuil, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Segundo Trimestre de 2019**. Indicadores IBGE. 28 de Agosto de 2019. Acesso em 05 de abril de 2020. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2421/pnact\\_2019\\_2\\_tri.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2421/pnact_2019_2_tri.pdf)

KANG, L. ; LI, Y.; HU, S.; CHEN, M.; YANG, C.; YANG, B. X. et al. The mental health of medical workers in Wuhan, China dealing with the 2019 novel coronavirus. **Lancet Psychiatry**. v. 7, n. 3, e14, 2020.

LUPU, N. Brand dilution and the breakdown of political parties in Latin America. **World Politics**. v. 66, n. 4, p. 561-602, 2014.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Painel de casos de doença pelo coronavírus 2019 (COVID-19) no Brasil. **Ministério da Saúde**. 2020. Acesso em 07 de abril de 2020. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>

PAIVA, L. H.; SOUZA, P. H . G. F.; BARTHOLO, L.; SOARES, S. **Evitando a pandemia da pobreza**: possibilidades para o programa bolsa família e para o cadastro único em resposta à COVID-19. Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada. Nota Técnica nº 59. Diretoria de estudos e políticas sociais, 2020.

ROCHA, C. Coronavírus: as ações da Coreia do Sul e as lições para o Brasil. **Nexo Jornal**. Publicado em 13 de março de 2020. Acesso em 06 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/03/13/Coronav%C3%ADrus-as-a%C3%A7%C3%B5es-da-Coreia-do-Sul-e-as-li%C3%A7%C3%B5es-para-o-Brasil>

BRAZ, M.V. *A pandemia de covid-19 (sars-cov-2) e as contradições do mundo do trabalho*. R. Laborativa, v. 9, n. 1, p. 116-130, abr./2020

SAMUELS, D. J.; ZUCCO, C. **Partisans, Antipartisans, and Nonpartisans**: Voting Behavior in Brazil. London: Cambridge University Press, 2018.

SAYURI, J. O governo contra as universidades, em dados e análises. **Nexo**. Publicado em 04 de maio de 2019. Acesso em 06 de abril de 2020. Disponível em: [https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/05/04/O-governo-contra-as-universidades-em-dados-e-an%C3%A1lises?utm\\_medium=Social&utm\\_campaign=Echobox&utm\\_source=Facebook&fbclid=IwAR3nVzyEIESxz6O2KepBIzKqXy13Dr7r6IzAffsHx3fUGr1VUxL-0Z4u45Y#Echobox=1557017030](https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/05/04/O-governo-contra-as-universidades-em-dados-e-an%C3%A1lises?utm_medium=Social&utm_campaign=Echobox&utm_source=Facebook&fbclid=IwAR3nVzyEIESxz6O2KepBIzKqXy13Dr7r6IzAffsHx3fUGr1VUxL-0Z4u45Y#Echobox=1557017030)

SCHUCH, M. Bolsonaro diz que pode reabrir comércio com uma “canetada”. **Valor Econômico**. Política. Publicado em 02 de abril de 2020. Acesso em 05 de abril de 2020. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2020/04/02/bolsonaro-diz-que-retorno-do-comercio-depender-de-canetada.ghtml>

TOLEDO, K. Tecnologia que sequenciou coronavírus em 48 horas permitirá monitorar epidemia em tempo real. **Ciências da Saúde**. Publicado em Jornal da USP. 29 de fevereiro de 2020. Acesso em 06 de abril de 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-da-saude/tecnologia-que-sequenciou-coronavirus-em-48-horas-permitira-monitorar-epidemia-em-tempo-real/>

VAN BAVEL, J. J.; BOGGIO, P. S.; CAPRARO, V.; CICHOCKA, A.; et al. Using social and behavioural science to support COVID-19 pandemic response. **PsyArXiv [prelo]**, 2020. Acesso em 06 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.ingsa.org/covidtag/covid-19-commentary/van-bavel-mar-2020/>

VIANA BRAZ, M. **Paradoxos do trabalho**: as faces da insegurança, da performance e da competição. Curitiba: Appris, 2019.

WALKER, P. G. T.; WHITTAKER, C.; WATSON, O.; BAGUELIN, K.E et al. **Report 12**: The Global Impact of COVID-19 and Strategies for Mitigation and Suppression. Imperial College London COVID-19 Response Team. 26 de março de 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Coronavirus disease (COVID-19) Pandemic. **World Health Organization**. Official Website, 2020a. Acesso em 07 de abril de 2020a. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Critical preparedness, readiness and response actions for COVID-19. **World Health Organization**. Interim BRAZ, M.V.A *pandemia de covid-19 (sars-cov-2) e as contradições do mundo do trabalho*. R. Laborativa, v. 9, n. 1, p. 116-130, abr./2020

guidance, 2020b. Acesso em 05 de abril de 2020. Disponível em:  
<https://www.who.int/publications-detail/critical-preparedness-readiness-and-response-actions-for-covid-19>

Artigo apresentado em: 09/04/2020

Aprovado em: 13/04/2020

Versão final apresentada em: 09/04/2020